

# Origem ao Faial e Pico

Henrique Azevedo, consagrando no nome do café a sua paixão pelo desporto, pois era praticante habitual de futebol, remo e bilhar.

Fomos amavelmente recebidos no museu pelo atual proprietário José Henrique Azevedo e onde pudemos observar a riquíssima e vasta coleção de “scrimshaw”.

Expressando-se fluentemente em inglês, José Azevedo explicou toda a história da atividade baleeira nos Açores e ligação com os EUA, para além de elucidar sobre um grandioso conjunto de peças trabalhadas em dente de cachalote, com gravações e baixos-relevos.

Esclareça-se que o termo “scrimshaw” tem dois sentidos: por um lado, em sentido geral, designa uma forma de arte e, por outro lado, em sentido restrito, aplica-se aos diferentes produtos dessa arte.

Nascido a bordo das baleeiras da Nova Inglaterra como forma de ocupar o tempo durante as longas horas de lazer a bordo, esta forma de artesanato desenvolveu-se através de um processo de gravura e esculpura em dente e osso de baleia, abarcando uma grande variedade de objectos, tanto de uso como ornamentais, feitos normalmente como lembranças para familiares.

Convém também sublinhar que a origem do “Scrimshaw” é um dos mistérios ainda não resolvidos no presente.

As teorias explicativas variam muito e vão desde os autores que a fazem remontar à influência da cultura esquimó nos baleeiros da Nova Inglaterra até aos que a consideram como uma arte marítima e indígena americana, passando por outros que fazem acentuar a influência dos ilhéus dos Mares do Sul nos baleeiros americanos.

Mais plausível é a explicação de Edouard A. Stackpole, que considera o “scrimshaw” simplesmente como o desenvolvimento, no mar, da antiga arte de esculpir o marfim, tal como fora praticada durante cinco séculos, tendo sido essa a contribuição dos baleeiros americanos para esta forma de arte já estabelecida.

Deste modo, o “Scrimshaw”, como arte popular, não foi mais do que uma adaptação pelos baleeiros americanos de um antigo ofício e não de uma actividade que tenha nascido da caça à baleia.

Voltando à história deste emblemático café e bar, refira-se que foi o pai Henrique Azevedo a lançar algumas das grandes características que ainda no presente tipificam o “Peter”: a escolha do mobiliário (ainda hoje é utilizado mobiliário do mesmo tipo), a águia como símbolo e o “gin tónico” como bebida muito apreciada.

Segundo dados recolhidos no website do Peter Café Sport, refira-se que no final dos anos 30, José Azevedo, filho de Henrique, começou a ajudar no Café Sport enquanto trabalhava também no navio inglês HMS Lusitania II da Marinha Real Britânica.

Este navio estava ancorado na Horta desde 1939, depois de ter sido atingido por uma bomba de profundidade.

Durante o seu período de trabalho no HMS Lusitania II, José desenvolveu fortes laços com a tripulação do navio, ao ponto de um dos oficiais, devido às semelhanças entre o seu fi-



lho e José, com saudades do filho e como forma de mitigar a sua saudade de casa, lhe ter perguntado se não se importava de ser chamado “Peter”.

O nome “pegou”.

Até o açoriano local começou a chamá-lo pelo seu novo apelido e, para o resto da sua vida, José Azevedo tornou-se “Peter”.

Em 1944, com o início da guerra, Peter acabou por abandonar o seu posto no Lusitânia II, começando a trabalhar a tempo inteiro no Café Sport para ajudar o seu pai, Henrique Azevedo, devido ao grande afluxo de navios que chegavam à Horta durante este período.

Náufragos, feridos e doentes, pessoas à procura de abrigo, outros necessitados de reabastecer e reparar as suas embarcações, outros simplesmente para descansar durante alguns dias.

Foi neste contexto que o “Café

Sport” se tornou um ponto de referência para todos os que passaram pela Horta, prestando ajuda amigável a todos os que dela necessitavam, independentemente do assunto, técnico ou humano, para todas as nacionalidades, credos e raças.

Passados poucos anos, a guerra tinha terminado e a maioria das pessoas trazidas por ela para o Faial já tinham desaparecido. No final dos anos 50, um novo tipo de visitantes começou a chegar ao Faial: barcos à vela de recreio... e assim começou, os laços criados com estes aventureiros, que deixaram tudo atrás de um sonho, tornaram-se a razão por detrás do “Café Sport” - o atual reconhecimento mundial entre viajantes e iatistas.

\* Director do jornal “Portuguese Times”

